

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

O CONTEXTO MILITAR EM TORNO DO APÓSTOLO PAULO

The military context around the apostle Paul

Edmar dos Santos Pedrosa¹ e Claiton André Kunz²

RESUMO

Qualquer assunto relacionado a Paulo, o maior teólogo da igreja primitiva depois do próprio Jesus, é assunto que gera expectativa, o que por si só configura um grande desafio. Um traço pouco abordado pelos historiadores e biógrafos do apóstolo era sua relação com o militarismo romano presente na sua época. Abordar o contexto militar em que se passou a vida de Paulo e que pautou a escrita de suas treze cartas é o desafio deste trabalho. Quem foi Paulo, qual é a sua cidade natal, como ocorreu a sua formação intelectual, são temas que possuem boa comprovação histórica e bíblica, mas a influência externa do meio que permeou todo o seu ministério, após sua conversão, permanece na esfera das divagações. Um pouco de luz sobre este assunto precisa ser colocado. Paulo teve a companhia do maior e mais poderoso exército da Antiguidade consigo. As legiões romanas estavam presentes na sua vida desde sua cidade natal, que era província romana, até Jerusalém, para onde foi completar seus estudos, pois ali estava sediada a mais eficiente legião romana, a terceira. Durante suas viagens missionárias, ele circulou entre militares pelas cidades que passava. Conviveu corpo a corpo com muitos deles, nas prisões a que se submeteu e em todas anunciou o evangelho. Nasceu, cresceu, viveu, evangelizou e morreu entre militares. Isso moldou seu ministério e pode mudar o conhecimento sobre o apóstolo.

¹ Graduado em Ciências Policiais e de Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar do Barro Branco, Bacharel em Direito pela Universidade Salesiana de Campinas, Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Campinas e Mestrando em Teologia pela FABAPAR (Faculdades Batista do Paraná). E-mail: es.pedrosa@hotmail.com

² Bacharel em Teologia e Filosofia. Mestre em Novo Testamento pela FTBSP e Mestre e Doutor em Teologia (ênfase em Bíblia) pela Escola Superior de Teologia. Diretor, coordenador acadêmico e professor da Faculdade Batista Pioneira e professor convidado do Mestrado Profissional em Teologia da Faculdades Batista do Paraná. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br

Palavras-Chave: Caserna. Império Romano. Cartas Paulinas. Paulo.

ABSTRACT

Any matters related to Paul, the greatest theologian of the early church after Jesus himself, is subject that generates expectation, which in itself sets a challenge. A trait rarely addressed by historians and biographers of the apostle was his relationship with the Roman military present in his time. Addressing the military context in which it came to Paul's life and that guided the writing of its thirteen letters is the challenge of this work. Who was Paul, what is your hometown, as was their intellectual training, are things that have good historical and biblical evidence, but the external influence of the environment that permeated his entire ministry after his conversion, just staying in the sphere of ramblings. A little light on this subject needs to be placed. Paul had the companionship of the largest and most powerful army of antiquity with him. The Roman legions were present in his life from his hometown that was Roman province, to Jerusalem where he was completing his studies, for there was based the most efficient Roman legion, the third. During his missionary journeys he circulated among military the cities that passed. Lived melee with many of them in prisons who submitted and all preached the gospel. Was born, raised, lived, preached and died between military. It shaped his ministry and may change the understanding of the apostle.

Keywords: Barracks. Roman Empire. Pauline's letters. Paul.

INTRODUÇÃO

Apesar de forte conteúdo histórico presente no livro de Atos e nas próprias cartas de autoria do apóstolo Paulo, principalmente por meio de seus testemunhos, muitas dúvidas ainda persistem quanto à biografia do maior teólogo da igreja primitiva. Paulo foi um homem que deixou tudo para trás em nome da esperança na vida eterna que havia por vir.

Não se discute a capacidade intelectual de Paulo. Era um notável judeu ligado ao farisaísmo. O motivo desta capacidade está em sua formação. Desde criança recebeu excelente formação cultural de seus pais, que pertenciam a uma classe de nobres, seja pelos serviços militares prestados a Roma, ou mesmo pelos serviços profissionais executados na construção de tendas, também para o exército romano.

Sua família possuía boa condição financeira, adquirida por meio do ofício que praticava. O jovem Saulo foi enviado ainda na sua adolescência a Jerusalém para completar seus estudos e sua forte formação acadêmica. Certamente isso custou muito caro para os padrões da época.

Em toda sua vida, Paulo teve muito contato com os militares romanos. Se não foi em casa, com seus pais e avós, comprovadamente foi durante as várias prisões a que ele foi submetido. Paulo passou muito tempo de sua vida em poder e em contato com militares, a ponto de conhecer muito bem as normas legais que regiam a vida em caserna, e as técnicas militares de combate, tão bem utilizadas por eles.

Graças a sua cidadania romana, seu intenso conhecimento legal e profundo saber filosófico intelectual, seu ministério foi muito profícuo. Grande parte deste sucesso deve-se

ao seu livre acesso em todo território romano. Em momentos oportunos ele vai invocar esta condição pessoal, para se livrar de violências e injustiças.³

Sua vida e suas cartas possuem bastante conteúdo militar, tanto que sua carreira humana e de fé foi encerrada justamente pelas mãos de militares. Na capital do império romano, no exato momento em que um carrasco militar desce a lâmina fria da espada sobre seu pescoço, encerra-se mais uma de tantas etapas na vida deste precioso ministro de Deus.

Deixou muitas coisas para trás para anunciar o evangelho salvador de Jesus. No passado, Paulo deixou sua cidade natal para viver em Jerusalém, deixou sua crença no farisaísmo para ser tornar um cristão verdadeiro, largou para trás o papel de perseguidor da igreja para tornar-se um perseguido por amor à mesma igreja que antes atacava.

Deixou a liberdade para ingressar nas prisões romanas em várias oportunidades. Enfim, por providência de Deus e pelas mãos do legionário romano, deixou esta vida para entrar na glória e receber a coroa da Justiça no céu, entregue pelas mãos de Deus.

1. A FORMAÇÃO CÍVICO MILITAR DE PAULO

Como ele mesmo declara, Paulo nasceu como judeu da tribo de Benjamim (Fp 3.5) possuía cidadania romana (At 16.37; 22.28), e era natural da “notória cidade” de Tarso, na província romana da Cilícia (At 21.39; 22.3). No ano de sua circuncisão e conseqüentemente de seu nascimento, foi nomeado segundo o primeiro rei israelita da mesma tribo a que pertencia Saul (Saulo). Contudo, não cresceu em sua cidade paterna, Tarso, mas em Jerusalém, onde foi instruído na “lei dos pais”, aos pés de Gamaliel, célebre mestre judaico (At 22.3; 26.4).⁴

Com Gamaliel, ele aprendeu a ter cautela e moderação, o que no seu caso traduzia-se em profundo zelo pelas coisas de Deus, zelo este que culminou em perseguição acirrada aos adeptos da “seita” de Jesus, por eles considerados inimigos da verdade do judaísmo. Assim, agia por pura convicção, acreditando estar atuando em nome de Deus.

Tudo demonstra que Paulo recebeu forte formação cultural em sua cidade natal, o que fez dele um profissional, um doutor em direito romano e também na língua grega. Também recebeu farta instrução judaica religiosa em Jerusalém, visando a tornar-se um rabino brilhante no futuro. Possivelmente também recebeu formação militar, e esta, em casa.

Por isso, Paulo conhecia muito bem o fardamento militar romano, bem como a forma de utilização dos materiais bélicos empregados pelos legionários. Não é à toa que ele faz uma aplicação teológica profunda usando a indumentária completa de um soldado romano como forma de ilustração e comparação com valores espirituais.⁵

³ Ver sobre os benefícios da cidadania em: BELL Jr, Albert A. **Explorando o mundo do Novo Testamento**. Belo Horizonte: Atos, 2001. p. 105-108.

⁴ MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010. p. 319.

⁵ Sugere-se a leitura dos comentários ao capítulo 6 de Efésios de: SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. **Epístolas da prisão: uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom**. São Paulo: Vida Nova, 2005; STOTT, John R. W. **A mensagem de Efésios**. São Paulo: ABU, 1986; e HAHN, Eberhard; BOOR, Werner de. **Carta aos Efésios, Filipenses e Colossenses**. Curitiba: Esperança, 2006.

Ele tinha muita intimidade com armas romanas e fardamento militar. Talvez tenha crescido em casa vendo e manuseando estes materiais que pertenciam ao seu pai, avô e talvez bisavô. Pode ser que ele brincava com estes materiais e até os vestia, como é costume entre crianças que gostam de usar fantasias de super-heróis ou uniformes de seus pais em casa. Ou simplesmente Paulo conhecia muito bem do assunto, pois passou muitos anos em poder dos legionários, chegando a viver 24 horas por dia em companhia deles.⁶

Porque Paulo estava algemado, sob os cuidados do imperador, dois soldados da guarda pretoriana eram algemados a ele, em três turnos por dia, durante dois anos. Esses guardas faziam parte de um grupo de elite. Eram dezesseis mil soldados de escol, gente que tinha trânsito livre no palácio e influência política no império. Nesses dois anos, Paulo estava com as mãos presas, mas seus lábios estavam livres para testemunhar, a ponto de escrever aos filipenses: “Os santos vos saúdam, especialmente os da casa de César” (Fp 4.22).⁷

1.1 Sua cidade natal

A Cilícia foi usada como base de piratas e salteadores, o que obrigou Roma a envolver-se nestas questões bélicas e parte de seu território foi incorporado ao império como província romana em 102 a.C. Mas, em 67 a.C., com a brilhante vitória de Pompeu sobre aqueles piratas, toda a Cilícia foi submetida à condição de província, tendo Tarso como Capital.⁸

Em 83 a.C., Tarso, a capital da Cilícia, caiu sob o poder de Tigrane I, Rei da Armênia, porém passou às mãos dos romanos devido à vitória de Pompeu, tornando-se a capital da província da Cilícia. Em 64 a.C., a Cilícia foi unida para fins administrativos à Síria e assim prosseguiu durante toda a vida de Paulo.⁹

Isso mostra que enfim a paz reinou naquele território e os legionários da terra devem ter sido dispensados do serviço militar para prosseguirem em sua vida civil comum. Neste contexto, o avô e talvez o bisavô de Paulo devam ter sido um destes valentes legionários que serviram a Roma. No governo de Antônio, a partir de 42 a.C., para ser cidadão romano era necessário pagar o valor de 500 dracmas em propriedades.¹⁰ Isso era considerado um alto valor naquela época, conforme reconhecido pelo próprio comandante na conversa com Paulo em Jerusalém, já que uma dracma equivalia ao salário recebido por um dia de trabalho realizado.

Tarso era a capital da imponente Cilícia e se constituía num dos maiores e populosos centros de atividades comerciais e de difusão cultural entre as províncias romanas do Oriente. Isso lhe trazia vantagens e desvantagens. A cidade era bem desenvolvida, contando com

⁶ Cf. Atos 28. Robertson faz uma extensa descrição do período em que Paulo ficou em cadeias. Veja-se: ROBERTSON, A. T. **Épocas na vida de Paulo**. Tradução de A. B. Oliver. Rio de Janeiro: JUERP. 1982. p. 207-266.

⁷ Disponível em <http://hernandesdiaslopes.com.br/2011/07/quando-deus-transforma-o-sofrimento-em-porta-de-entrada-para-o-evangelho/#.VQ1nmvvnF91Y>. Acesso em 21 mar. 2015.

⁸ BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. São Paulo: Shedd, 2003. p. 28.

⁹ Cf. Gálatas 1.

¹⁰ BRUCE, 2003, p. 29.

aproximadamente 300 mil habitantes, em que se misturavam, como em todos os portos, elementos de várias procedências.¹¹

Por conclusão lógica, se Paulo nasceu cidadão romano, conforme retrata o texto bíblico, seu pai já deve ter sido cidadão romano. A cidadania para não romanos, se não fosse comprada, e este era o caso de Paulo (Fp 3.5), era concedida pela autoridade geral (*imperium*), delegada por lei aos generais que a concediam a alguém que tenha prestado um relevante serviço a Roma. Assim sendo, o pai, o avô ou até mesmo o bisavô de Paulo podem ter servido como legionários do exército romano nas inúmeras batalhas enfrentadas, principalmente na crise com os piratas.¹² Quem lutasse na legião e saísse vivo, ganhava a cidadania romana.¹³

Pode ser também que o grande serviço prestado a Roma pela família de Paulo seja ter fabricado tendas para o exército, já que a grande prosperidade de Tarso estava atrelada a uma matéria-prima abundante e existente naquele território chamada de *cilicium*, um tecido de pelos de cabra do qual se faziam mantos para proteger contra o frio e a umidade.¹⁴ Material perfeito e duradouro para construir barracas ou tendas de campanha e ser utilizado nos acampamentos existentes nos campos de batalha – e olha que Roma participava de muitas, especialmente naquele período conturbado da história.

Provável prova que ratifica esta possibilidade é o antigo preceito judaico que dizia que todo cidadão nobre devia aprender um ofício manual, e assim Saulo foi sugestionado a escolher o ofício de tecelão. Saulo, segundo o historiador e evangelista Lucas, foi um fazedor de tendas.¹⁵ Profissão nobre para a época, à semelhança de arquiteto ou designer nos dias atuais.

1.2 O envio a Jerusalém

Muito provavelmente, o infante Saulo foi criado distante dos prazeres que reinavam na sua querida e próspera Tarso, e, amparado pelos seus pais, judeus zelosos, dedicava-se ao aprendizado do grego e do hebraico.¹⁶ Isso o levou a um profundo conhecimento intelectual acima da média daqueles da sua idade.¹⁷

O povo de Tarso era ávido por atividades culturais em todas as áreas do conhecimento, chegando a superar Atenas e Alexandria. Era uma cidade universitária, porém aqueles que dispunham de maiores condições financeiras deixavam a cidade para completar seus estudos em outro lugar e raramente voltavam.¹⁸ Assim também aconteceu com Paulo:

De todos os escritores do Novo Testamento, Paulo é o que gravou sua própria personalidade de modo inconfundível em seus escritos. [...] não por ter composto suas cartas com um olho na propriedade estilística e no veredito

¹¹ COTHENET, Edouard. **São Paulo e o seu tempo**. Tradução de Benoni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 9.

¹² BRUCE, 2003, p. 33.

¹³ Disponível em http://www.lulicoutinho.com/atividades_culturais_2011/artes_d_alma/5_capitulo/parte_4/4_parte_os_legionarios.htm. Acesso em 20 mar. 2015.

¹⁴ COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Venda Nova: Betânia, 1991. p. 29.

¹⁵ Cf. Atos 18.

¹⁶ COTHENET, 1984, p. 7-13.

¹⁷ Cf. Gálatas 1.

¹⁸ BRUCE, 2003, p. 29.

de aprovação de um público mais amplo do que o que tinha primeiramente em vista, mas porque elas expressam, de modo tão espontâneo e por isso eloquente, seu pensamento e sua mensagem.¹⁹

Isso levou Paulo a ser reconhecido pelos maiores helenistas da sua época. Foi a autor do maior tratado teológico da Bíblia, que é a carta aos romanos, em que debate consigo mesmo questões teológicas profundas, além de suas cartas possuírem profundo conteúdo moral contra práticas indevidas das pessoas que prejudicavam seus corpos e conseqüentemente suas almas para obterem prazeres mundanos. Isso tudo porque cresceu em meio a pessoas profundamente imorais.

2. PAULO FOI UM MILITAR DA RESERVA?

Servir ao exército romano, a maior força militar da Antiguidade, era visto como um dever patriótico. Todo homem, romano livre, desde que fosse maior de idade, tinha o dever de pegar em armas, quando necessário, para defender a cidade. Passado o perigo, o exército dispersava-se e cada um voltava às suas atividades normais.

Inicialmente só cidadão romano podia ingressar nas legiões, o que não significa que exclusivamente italianos as integrassem: filhos de cidadãos romanos nascidos nas províncias, muitas vezes de mães nativas, eram igualmente cidadãos. Não havia uma idade determinada para alistar-se, mas a maioria dos candidatos a legionários sentava praça logo ao atingir a maioridade, o que, entre os romanos, acontecia aos 17 anos. Embora tenha havido variações ao longo do tempo, durante a maior parte da história das legiões o tempo de serviço regulamentar era de vinte anos.²⁰

Todavia, a respeito do apóstolo Paulo, segundo alguns historiadores:

A ambição que os pais de Saulo tinham para que ele recebesse educação teológica em Jerusalém não foi ruim. Essa cidade era o alvo dos judeus em qualquer parte do mundo. Ali se concentrava a história da sua nação. (...) Conforme o costume judaico, Saulo tinha, talvez, uns treze anos quando foi estudar em Jerusalém, de modo que poderia dizer que fora “criado” ali (Atos 22.3). (...) De tudo o que a cidade tinha de atração histórica, a coisa que mais salientou na sua vida posterior foi o fato de ele se haver sentado aos pés do maior mestre do seu tempo entre os judeus (Atos 22.3).²¹

Não podemos precisar com que idade Paulo foi a Jerusalém. Uma coisa é certa: Paulo deve ter ingressado na escola de Gamaliel em algum momento durante a sua adolescência, após receber profundos ensinamentos de seus pais.²² Até porque um judeu só atingia a maioridade religiosa aos 13 anos de idade, e somente a partir daí teria condições de morar longe de seus pais. Bom exemplo disso é o fato de, aos 13 anos, Jesus ter celebrado o *bar mitzvah*, ritual que marca a maioridade religiosa do judeu.

¹⁹ BRUCE, 2003, p. 11.

²⁰ Disponível em <http://www.jornallivre.com.br/217166/tudo-sobre-a-legiao-romana.html>. Acesso em 20 mar. 2015.

²¹ ROBERTSON, A. T. *Épocas na vida de Paulo*. Tradução de A. B. Oliver. Rio de Janeiro: JUERP. 1982. p. 27-28.

²² BRUCE, 2003, p. 39.

Assim sendo, é improvável que Paulo tenha ido a Jerusalém estudar aos pés de Gamaliel após completar os 17 anos de idade, o que permite concluir que ele não se tornou um legionário durante sua juventude, mas ou foi de fato filho e neto de um, ou sua família serviu ao exército romano por meio da fabricação de tendas e assim receberam o título de cidadãos romanos.

3. SEU PROFUNDO SABER JURÍDICO MILITAR

Conhecer o direito romano foi fundamental ao ministério paulino (sua ida a Roma só foi possível devido ao seu apelo a César). Por Direito Romano, deve-se entender Direito Militar puro e simples, pois era o que se aplicava à vida de caserna e também à vida civil.²³

Na época das primeiras comunidades cristãs, os fariseus aparecem como um grupo de leigos, advogados, escribas e sacerdotes. Seu principal intento é alcançar um objetivo religioso, especificamente o cumprimento da lei e a preservação das “tradições paternas” sob as condições de um mundo mudado.²⁴

Paulo demonstra profundo conhecimento jurídico em suas falas, o que pode indicar que ele obteve esta formação enquanto estava em Tarso, deixando a possibilidade de uma idade mais avançada do apóstolo como opção para sua ida a Jerusalém, onde enfim se aprimorou nos conhecimentos farisaicos:

Os fariseus não procuravam dificultar ainda mais o cumprimento da lei, de forma nenhuma, pelo contrário, os ensinamentos deles, como também os de seus sucessores, queriam tornar o cumprimento possível – em vista do governo de Deus. O seu método de interpretação, chamado *Halakha* (como se deve caminhar), consiste em argumentos e contra argumentos sobre o cumprimento exequível de cada mandamento sob condições alteradas.²⁵

3.1 Suas prerrogativas legais

Paulo era profundo conhecedor das leis romanas. Naquele período, as leis militares regiam a sociedade civil, já que vigorava um estado de intervenção militar constante sobre toda a comunidade. Pelo menos em três oportunidades, o apóstolo necessitou demonstrar este profundo conhecimento jurídico militar quando estava diante de legionários romanos e na iminência de sofrer alguma forma de violência ou coação na sua liberdade de ir e vir.

Importante lembrar que a Lei vigente sobre o uso da força era a “*lex Iulia de vi publica*” que protegia um cidadão romano em detrimento de cidadãos comuns. Bastava ao homem abordado por um legionário, apelar publicamente invocando seu direito, dizendo “*ciuis romanus sum*” (sou cidadão romano). Porém não bastava invocar esta qualidade, tinha que provar documentalmente este fato, que no caso de Paulo deveria constar em seu registro de

²³ Ver BELL Jr, 2001, p. 91-118.

²⁴ KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2005. Vol. 1, p. 240-241.

²⁵ KOESTER, 2005, p. 242.

nascimento, o qual ele devia trazer consigo sempre: “*ciuem romanum esse professus est*”. Caso contrário, essa invocação constituiria um crime grave.²⁶

Em três momentos clássicos, Paulo teve que usar deste artifício jurídico militar. Era tão militar o preceito invocado, que os legionários não só o conheciam bem, como tremiam e temiam ferir alguma daquelas normas, principalmente porque era inconcebível maltratar um cidadão romano, acima de tudo um ente de legionário.

O primeiro fato ocorre depois de terem sido surrados em meio a uma turba provocada na cidade de Filipos em razão de alguns cidadãos locais o terem acusado, juntamente com Silas, de terem provocado uma perturbação da ordem pública. Assim, foram colocados na prisão, mas quando os magistrados romanos checaram sua documentação e viram que ele era cidadão romano, mandaram soltá-los às escondidas.²⁷

Paulo, invocando mais uma vez seus direitos de cidadão, exige a presença dos mesmos magistrados que arbitrariamente o puniram, para que os colocassem pessoalmente em liberdade. Os magistrados não só fizeram isso como imploraram para que eles saíssem da cidade, pois temiam a repercussão daquele ato praticado. Só agiram assim, é claro, depois de pedir muitas desculpas a ambos.²⁸ Se Paulo registrasse uma queixa formal, aqueles magistrados sofreriam sérias consequências.

O segundo momento ocorre quando Paulo é preso em Jerusalém praticamente nas mesmas condições da prisão anterior em Filipos. Em meio a uma tentativa de linchamento público, ele é detido pelos soldados; mas, antes de ser levado à fortaleza onde certamente seria açoitado, pediu a palavra ao comandante, que, confirmando sua condição de judeu, permitiu que ele falasse à turba enlouquecida.²⁹

Depois de contar seu testemunho de conversão, o comandante manda que o conduzam preso para ser interrogado mediante chicotadas. Neste momento surge um centurião, que se aproxima de Paulo já amarrado e pronto para sofrer o castigo, quando ouve do apóstolo a pergunta que deve ter gelado a alma militar daquele romano: *é permitido chicotear um cidadão romano?* Ao ouvir isso, o centurião dirige-se imediatamente ao comandante alertando-o do grave crime que estava prestes a cometer e este, então, confirma com Paulo, sua condição de cidadania e admira-se de que ele a possui por direito de nascimento.³⁰

O terceiro momento foi o mais impactante e marcante. Agora, mostrando profundo saber jurídico ao ser preso novamente, ele apela a Cesar, o que significava ter que ser removido à capital Roma. O Governador Festo afirma que perguntou a Paulo se queria ir a Jerusalém para ser julgado. Mas ele interpôs apelação, a fim de que sua causa fosse reservada ao julgamento do augusto imperador. Por isso foi mantido preso até que se consumasse esta remoção.³¹

²⁶ BRUCE, 2003, p. 34-35.

²⁷ Cf. Atos 16.

²⁸ Cf. Atos 16. Ver descrição sobre a prisão de Paulo em Filipos em: BOOR, Werner de. **Atos dos Apóstolos**. Curitiba: Esperança, 2003. p. 236-242.

²⁹ Cf. Atos 21.

³⁰ Cf. Atos 22.

³¹ Cf. Atos 25.

Como era um jurista nato, Paulo pede permissão para fazer sua própria defesa, o que, depois de autorizado, faz de maneira brilhante. Como em outras oportunidades, realça o acontecimento de sua conversão e o poder de Deus. Tenta converter seus ouvintes com seu discurso, chegando a impressionar Festo, que acusa o apóstolo de estar delirando, mas ele, mais uma vez usando de profunda persuasão, convence a todos que nada de errado cometeu, tanto que queriam libertá-lo, mas não o fizeram, justamente porque ele apelou para Cesar.³²

Tudo isso demonstra que, naquela época, ser cidadão romano era sinônimo de gozar dos mesmos privilégios legais dos militares, uma vez que ambos os *status* convergiam em um só.

4. A MENAGEM DE PAULO

Um grande equívoco histórico é cometido por quem estuda a biografia do apóstolo - afirmar que ele foi submetido à prisão domiciliar. Esta forma de prisão só é recomendada aos sentenciados por crimes que tenham combinadas penas mínimas e, neste caso, o condenado ficava em sua casa, com total liberdade, sem supervisão, não podendo somente sair dela sem autorização legal. Esse nunca foi o caso de Paulo.

Ele não estava sentenciado e condenado. Seu processo ainda estava em andamento. Enquanto aguardava o deslinde processual, ele é submetido a um regime especial de custódia, em que as autoridades romanas permitiram-lhe residir num local em que pudesse se relacionar normalmente com as pessoas. Só não podia se ausentar da residência. A casa era vigiada diuturnamente por um soldado romano. A isso se chama, no meio castrense,³³ de Menagem:

É instituto processual típico da Lei Castrense foi outrora tratamento existente na monarquia concedido aos nobres "de permanecer na própria casa ou castelo, enquanto respondiam a processo". "Em Roma, Atenas e entre os povos bárbaros era consagrado o princípio de que o acusado poderia aguardar, em liberdade, o julgamento". O acusado, mediante certas condições, se eximia da prisão até a terminação da causa. Homenagem (menagem) era o privilégio concedido aos fidalgos, desembargadores, cavalheiros das Ordens Militares, doutores e alguns escrivães de permanecer na própria casa ou castelo, enquanto respondiam a processo.³⁴

Assim fica claro que só nobres ou doutores poderiam receber este direito e Paulo se enquadrava perfeitamente nesta condição. "A homenagem era um privilégio particularmente concedido à Nobreza".³⁵

A menagem é inspirada no direito italiano do tempo dos céares. Ela implica uma restrição à liberdade de locomoção e domiciliar, retendo em algum

³² Cf. Atos 26. Ver a descrição de ROBERTSON, 1982, p. 207-266, em seu capítulo "Paulo em Cadeias".

³³ "Castrense" 1. Relativo a acampamento militar. 2. Que respeita ao serviço militar. in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/castrense>. Acesso em 19 mar. 2015.

³⁴ A menagem por Ronaldo João Roth Juiz de Direito da 1ª Auditoria Militar do Estado de São Paulo. Disponível em <http://www.jusmilitaris.com.br/novo/uploads/docs/amenagem.pdf>. Acesso em 21 mar. 2015.

³⁵ ROTH, Ronaldo João. **Temas de direito militar**. São Paulo: Suprema Cultura, 2004. p. 145-149.

lugar uma pessoa para evitar que empreste sua colaboração à agitação. A menagem-prisão ocorrerá em quartel, navio, acampamento, ou em estabelecimento ou sede de órgão militar se o menageado for militar, e **em local sob administração militar se o menageado for civil**. Mas não é recomendável àquele delito praticado com requinte de crueldade, à traição, por motivo torpe ou fútil.³⁶

Como último requisito, antes de aplicar este benefício, deveria olhar os antecedentes do acusado e, para isso, o magistrado deve aferir a personalidade do preso, se há compatibilidade com o benefício, até porque a garantia judicial é a confiança na palavra do preso. E quanto a isso não resta dúvida - Paulo transmitia muita segurança naquilo que falava.

O apóstolo ficou dois anos inteiros nesta condição. Como era nobre e civil, ficou numa casa sob administração militar. A história da igreja primitiva, escrita por Lucas, termina exatamente neste ponto. Paulo tinha licença para receber visitas, às quais pregava o evangelho. Durante esses dois anos, escreveu as Epístolas aos Efésios, Filipenses, Colossenses e a Filemom. Depois de dois anos em cativeiro, de 61 a 63 d.C., o seu processo terminou sem uma sentença condenatória e ele foi colocado em liberdade.³⁷

5. A FORMA DA EXECUÇÃO DA SUA PENA DE MORTE

Até os dias atuais existe pena de morte em muitos países dos quais o Brasil não é exceção. Como o direito brasileiro é fruto do direito romano e este é fruto do direito militar dos tempos dos cézares, a pena de morte servia em estados excepcionais para manter a ordem, a disciplina e preservar a hierarquia nas tropas militares. A forma atualmente aplicada é reflexo deste entendimento. Serve para todos em caso de guerra e estados de exceção.

Para sua aplicação, forma-se o conselho de sentença no próprio campo de batalha, esperam-se sete dias para manifestação do Presidente da República quanto a conceder clemência; caso ela não ocorra, é aplicada a pena de morte por fuzilamento no 8º dia. Usa-se o fuzilamento por ser uma forma mais rápida e digna de morrer.³⁸

O sentenciado fica ciente da sua execução e da data, permanecendo ansioso e inerte, aguardando o posicionamento presidencial. Caso o infrator merecesse, era aplicada sumariamente sem este trâmite legal, se fosse necessário para manutenção da disciplina imediata.

Importante lembrar que a pena de morte, oriunda do direito militar romano antigo, só era aplicada em tempo de guerra.³⁹ Mas não bastava só esta ocorrência, precisava o infrator ter cometido um dos crimes que preveem esta pena capital como punição, como por exemplo,

³⁶ A menagem* Ronaldo João Roth Juiz de Direito da 1ª Auditoria Militar do Estado de São Paulo. Disponível em <http://www.jusmilitaris.com.br/novo/uploads/docs/amenagem.pdf>. Acesso em 21 mar. 2015.

³⁷ Cf. Cronologia de MAUERHOFER, 2010, p. 315-319.

³⁸ Artigo 55 e artigo 56 do Código Penal Militar e artigo 57 combinado com artigo 707, § 3º, do Código de Processo Penal Militar.

³⁹ Segundo o CPM, o tempo de guerra, para os efeitos da aplicação da lei penal militar, começa com a declaração ou o reconhecimento do estado de guerra, ou com o decreto de mobilização se nele estiver compreendido aquele reconhecimento; e termina quando ordenada a cessação das hostilidades. Disponível em <http://www.jusmilitaris.com.br/novo/uploads/docs/penademorte.pdf>. Acesso em 18 mar. 2015.

traição, insubordinação e incitamento. Todas as acusações possíveis de terem recaído sobre Paulo a mando do imperador Nero.

Paulo foi preso por ser acusado de chefiar a seita cristã, pois pesava sobre os cristãos a acusação de terem incendiado Roma. A pena de morte para cristãos comuns era de toda sorte de crueldade e poderia ser cumprida sumariamente a bem da disciplina, da mesma forma como é hoje em caso de guerra declarada.

Mas Paulo não era um cristão comum. Era um nobre, um jurista muito culto, um orador eficiente e um verdadeiro cidadão romano. Mesmo preso, sua sentença foi a mesma dos demais cristãos, mas a forma de execução não. Paulo recebe a forma de execução mais digna e rápida para militares e cidadãos romanos – a morte por decapitação.

Era uma forma de reconhecer seu status e sua importância na sociedade romana. Mais uma vez, o apóstolo reconhece a providência divina sobre sua vida em ter feito dele um cidadão romano e com isso garantir-lhe o direito a uma morte menos sofrida e humilhante. Por isso, ele afirma que foi Deus quem o livrou da boca do Leão⁴⁰, terrível e cruel tipo de morte em que os cristãos eram amarrados a peles de animais e jogados para serem devorados vivos por leões famintos nas arenas romanas.

De acordo com a opinião mais comum, Paulo sofreu o martírio no mesmo dia e no mesmo ano que o Apóstolo Pedro. Embora muitos estudiosos discordem se foi de fato no mesmo dia, poucos discordam que ela tenha ocorrido no mesmo ano. Talvez o depoimento mais contundente seja o de Clemente, grande pai da igreja antiga:

Cf. 1 Clemente, 5 (c.95). Clemente de Roma menciona, neste breve capítulo, a morte de Pedro e Paulo como mártires; em relação ao apóstolo Paulo, ele escreve: “Depois de haver sido acorrentado sete vezes, expulso, apedrejado, tendo-se tornado anunciador no Oriente e no Ocidente, obteve a excelente glória de sua fé; depois de haver ensinado justiça a todo o mundo e chegado aos confins do Ocidente e testemunhado perante os governantes...”⁴¹

No outono do ano 67 d.C. foi agendada a realização da Segunda Sessão do Tribunal. Paulo não tem ilusões, sabe que esta Sessão terminará com sua entrada no reino dos Céus. Paulo estava velho, doente e sentindo muito frio. Além dos anos que lhe pesavam, as cicatrizes se acumulavam naquele corpo cansado, mas o pior problema que ele sente naquele momento é de ordem emocional.

Seja como for, como bom jurista que era, Paulo saiu do local onde foi sentenciado já sabendo da sua pena e da data em que ela seria cumprida - dali a oito dias! Não lhe restava mais nada a fazer, ninguém a quem recorrer. Só poderia aguardar no “corredor da morte” com ansiedade e expectativa pela clemência do imperador.

Por outro lado, ele sabia que aquela clemência nunca chegaria, afinal de contas foi o próprio imperador que declarou os cristãos verdadeiros criminosos de guerra e dignos de morte. Dessarte, sua execução era certa.

⁴⁰ Cf. 2 Timóteo 4.

⁴¹ MAUERHOFER, 2010, p. 319.

Ele foi abandonado por todos, e como homem que era, sentia muita falta de companhia, de alguém para conversar, de algo para ler. Assim ele dedica seus últimos momentos de lucidez para escrever pela segunda e última vez a seu amado filho na fé, Timóteo. Termina sua última carta afirmando algo maravilhoso em linguagem militar: “Combati o bom combate, concluí a minha carreira, guardei a fé. De resto, me está reservada a coroa da justiça, que o SENHOR, justo juiz, me dará naquele dia”.⁴²

Interessante que neste momento de carência emocional, de saudade de pessoas queridas, de lembranças dos momentos marcantes de sua vida cristã e de sua certeza do que o esperava após ser cumprida a pena capital, ele faz alguns pedidos a Timóteo. Ele tinha somente sete dias para atender aqueles pedidos. Certamente esta carta não chegou às mãos do destinatário antes de sua execução, e mesmo que tenha chegado, por certo não daria tempo de ser atendida.

Paulo sabia disso. Mas não importava, afinal de contas ele estava escrevendo um testamento perpétuo e inspirado por Deus, que faria ecos na humanidade por séculos depois de sua morte, fazendo valer um dito cristão anônimo em que se afirma: ***Um cristão gera frutos para Deus em sua vida, mas também na sua morte!***

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O último dos apóstolos teve uma carreira humana brilhante. Tudo em sua vida conspirou para que se desenvolvesse e atuasse com brilhantismo. Deus cuidou de cada detalhe antes e depois do famoso encontro no caminho para Damasco. O inteligente, o brilhante, o nobre Saulo não mais perseguiria a igreja, os cristãos e o próprio Jesus.

Agora ele seria mudado, seria arduamente treinado e aprenderia a sofrer pelo nome que antes perseguia. Deus trabalhou de forma maravilhosa na vida de Paulo, escolhendo a família em que ele nasceria, os ensinamentos que receberia e o momento certo para ter um encontro definitivo com Ele.

Seu chamado foi estratégico para difusão do cristianismo. Para isso, Deus usou suas potencialidades, inspirando-o a escrever treze magníficas cartas. Mas usou também seus defeitos para propulsão do evangelho nas cidades dominadas pelo Império Romano.

Paulo precisava saber lidar com romanos, principalmente com legionários romanos, militares com o mais alto preparo da época. Assim ele nasce cidadão romano, tornou-se profundo conhecedor dos direitos e deveres atinentes à vida de caserna a ponto de, a cada encontro com um militar, levar Jesus a eles e levar muitos deles à conversão.

Com os militares ele sofreu, mas também pôde saborear a boa ação de Deus na vida daquelas pessoas que até mesmo mandam lembranças a outros crentes que sequer conheciam pessoalmente. Mesmo sem ter sido um militar por alistamento, Paulo o foi por dedicação e conhecimento. Suas obras estão rodeadas de cenas, ações e práticas militares. Seu ministério foi rodeado pelas legiões romanas e sua vida chega ao fim, meticulosamente

⁴² Cf. 2 Timóteo 4. Ver STOTT, John R. W. **Tu, porém: a mensagem de 2 Timóteo**. São Paulo: ABU, 1983. p. 100-123.

planejada por Deus, em Roma e pelas mãos de militares, que não seria difícil imaginar, eram convertidos ao evangelho pelo próprio Paulo.

REFERÊNCIAS

BELL Jr, Albert A. **Explorando o mundo do Novo Testamento**. Belo Horizonte: Atos, 2001.

BOOR, Werner de. **Atos dos Apóstolos**. Curitiba: Esperança, 2003.

BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. São Paulo: Shedd, 2003.

COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Venda Nova: Betânia, 1991.

COTHENET, Edouard. **São Paulo e o seu tempo**. Tradução de Benoni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1984.

HAHN, Eberhard; BOOR, Werner de. **Carta aos Efésios, Filipenses e Colossenses**. Curitiba: Esperança, 2006.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2005. Vol. I.

MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010.

ROBERTSON, A. T. **Épocas na vida de Paulo**. Tradução de A. B. Oliver. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

ROTH, Ronaldo João. **Temas de direito militar**. São Paulo: Suprema Cultura, 2004.

SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. **Epístolas da prisão: uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Efésios**. São Paulo: ABU, 1986.

_____. **Tu, porém: a mensagem de 2 Timóteo**. São Paulo: ABU, 1983.